

## Pronto para as próximas eleições (europeias)?

Jorge Botelho Moniz | *Expresso* | 17 de fevereiro de 2023

As próximas eleições, que calham ser europeias, têm dado que falar. As próximas eleições, que calham ser para o Parlamento Europeu (PE), são em maio de 2024. Faltam uns 450 dias para o certame eleitoral e, em Portugal, já o Presidente da República (PR), o primeiro-ministro (PM) e o líder do maior partido da oposição se pronunciaram publicamente.

Recentemente, o PR lembrou a 2ª maioria absoluta de Cavaco Silva, o modo como se foi “esvaziando” antes das europeias e como, após a derrota, “formalmente continuou de pé, mas estava morta”. O PM desvalorizou o tema: “só por três vezes é que um partido que está no Governo ganhou eleições europeias” e isso “nunca causou uma crise política”. Para Montenegro, se o PS perder, dever-se-iam “tirar ilações mais abrangentes... do que aquilo que normalmente acontece nestas eleições”.

Em Bruxelas, também se sente este entusiasmo. Por exemplo, os alinhamentos em torno da nomeação de candidatos à liderança das instituições europeias; a aproximação entre o Partido Popular Europeu (PPE) e a Aliança dos Reformistas e Conservadores Europeus (ACRE); e um acordo entre o PPE e Giorgia Meloni – tida como uma das poucas líderes da direita europeia que daria um impulso ao partido.

E o leitor, o que acha? Pela experiência passada, não me parece tão entusiasmado. Nas últimas europeias, em 2019, 3,3 milhões de portugueses foram às urnas. Bem longe do auge dos 5,6 milhões de 1987. No resto da União Europeia (UE), o euro-desentusiasmo também se tem sentido: 38% de abstenção em 1979 e uns históricos 57% em 2014. O facto de estes números continuarem em declínio e serem sempre inferiores àqueles das eleições nacionais prova que as europeias são consideradas uma espécie de 2ª liga democrática. Uma ocasião onde se pode exercer o voto de protesto e onde se pode punir os governos nacionais sem consequências.

Permita-me oferecer-lhe um contra-argumento. O PE é o único órgão da UE diretamente eleito pelos cidadãos e tem vindo a reforçar os seus poderes. O PE decide sobre o orçamento da UE e é colegislador (aprova e altera leis). Ao recordar-se que cerca de 80% da legislação nacional vem de Bruxelas, então, estas eleições deveriam deixar de ser um espaço de mero protesto.

Se as europeias fossem hoje, com base na média das três sondagens de janeiro de 2023 efetuadas em Portugal, PS e PSD deveriam chegar aos 7 eurodeputados, respetivamente, o Chega! teria 3, a IL elegeria 2, o BE poderia não ir além de 1 e a CDU não deveria eleger. Até às eleições estes números devem mudar. No entanto, haverá sempre um desamor crónico por europeias que é alimentado por sentimentos de indiferença e contestação. Isto tem consequências.

Paira no ar uma preocupação com as europeias e com nosso futuro – guerra na Europa, inflação, novo PM português. Contudo, nas últimas eleições, 7,47 milhões de portugueses inscritos para votar não o fizeram. Pode ser que a disputa política nacional ou a renovada consciência sobre os poderes do PE tenham despertado o interesse. Afinal, desta vez, ainda faltam os tais 450 dias para decidir em quem votar, se votar.

<https://expresso.pt/opiniao/2023-02-17-Pronto-para-as-proximas-eleicoes--europeias--a32548d6>